

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE UM EDUCADOR FÍSICO: ENTREVISTA COM LEDA SALETE FERRI DO NASCIMENTO

Marco Antonio Merenhque Silva

Robson da Silva Constante

Patrícia Kayser Vargas Mangan

Universidade La Salle

Introdução

A ideia do presente artigo nasceu após uma entrevista realizada para uma pesquisa de mestrado de caráter qualitativo, na área de Memória Social, pois a trajetória de vida da entrevistada é inspiradora e merece ser divulgada. Na manhã de 27 de julho de 2020, ocorreu virtualmente a entrevista, pelo programa Google Meet. Entrevistado e entrevistador se conheciam dos corredores da Universidade La Salle, entre um degrau de escada e outro e na sala do coordenador do curso de Educação Física. Porém, nunca houve anteriormente a oportunidade de conversarem sobre questões mais pessoais. Os orientadores que já a conheciam há vários anos, como colegas de universidade, fizeram a indicação considerando seu papel como educadora física e como gestora do esporte, mas, não deram indícios ao mestrando sobre a história que ele iria conhecer. Neste preâmbulo, a ideia foi contextualizar o que o mestrando considerou uma sorte do destino, pois a necessidade de entrevistar um profissional da área de Educação Física permitiu a honra de conhecer mais sobre a trajetória de vida dessa menina, esportista, atleta, técnica Olímpica e atualmente professora do curso de Educação Física do La Salle. Ao discutir a entrevista com os orientadores, surgiu a ideia de “costurar” a seis mãos essa narrativa para que mais pessoas tivessem acesso a tal trajetória.

Deste modo, a narrativa que agora será apresentada demonstra como surge um professor, um educador. Os relatos foram obtidos por meio de técnicas de história oral (MEIHY, 2005), onde após a professora reviver suas recordações, ficou claro a possibilidade de escrever este artigo e laurear essa grande mulher que virou uma grande educadora física e esportista.

Assim, a partir dos registros de memória obtidos pela entrevista temática, apresenta-se a trajetória de vida de Leda Sallete Ferri do Nascimento, uma mulher que se tornou referência para muitas outras pessoas, principalmente outras mulheres como técnicas Olímpica e Maratonista. Atualmente, ela é docente na Universidade La Salle, na cidade de Canoas/RS, atuando no curso de Educação Física. A entrevista temática (BAUER; GASKELL, 2004) transcorreu, como indicado anteriormente, virtualmente por medidas de segurança devido a pandemia do vírus COVID-19. A entrevista foi gravada e teve duração de 01:24:19.. A entrevistada, Leda Sallete Ferri do Nascimento, contou sua trajetória do início de sua infância até os dias atuais. Nas próximas seções são apresentados alguns desses períodos expressivos nesta trajetória. Em particular, a narrativa busca guiar o leitor em uma inspiradora trajetória, permitindo também conhecer o porquê da escolha de sua profissão como educadora física, e sua visão de mundo. As narrativas de si, enquanto metodologia que possibilita a recuperação das memórias, destas histórias únicas, compreende procedimentos de um processo que promove um encontro “consigo mesmo” e que busca o desvelamento sobre “como me tornei no que sou” e “como tenho eu as ideias que tenho” (JOSSO, 1988, p. 41). A relação entre entrevistado e entrevistador é buscar a essência das histórias que encontram-se marcadas na trajetória de vida do entrevistado. Nas próximas seções apresentamos a trajetória na “voz” da entrevistada por meio das referidas narrativas que emergiram desse diálogo, ou seja, o texto será em primeira pessoa.

Autobiografia: Como você descreveria sua história de vida?

Desde meus primeiros anos de vida, a prática esportiva fez parte de meu cotidiano escolar, grande parte dessa trajetória veio me auxiliar no tratamento de uma doença respiratória, para a qual o exercício se tornaria como uma receita médica, diminuindo o risco de insuficiência cardiorrespiratória. Minha luta perdurou por muitos anos, e com isso várias experiências esportivas foram vivenciadas e praticadas com muita disciplina e dedicação. Em cada modalidade que eu participava, percebia meu encanto pelo esporte. Infelizmente, eu era uma das poucas crianças que gostava das aulas de educação física, pois muitos de meus colegas levavam atestados médicos para burlarem as aulas. Isso me entristecia profundamente; e eu, de porte dos atestados, os rasgava para poder fazer as atividades. Apesar da doença, sempre pude participar de todas essas práticas, jogando, correndo, subindo em árvores, muros, virando cambalhotas, sempre com muita agilidade e alegria. Não há como apagar isso da memória, pois toda criança deve ter o seu tempo de brincar. O brincar deve fazer parte do cotidiano do ser humano – “quero ser criança até o final: a criança é fase criadora por excelência” (PIAGET, 1998, p. 29). Meus anseios e encantamentos por esportes fizeram com que, ao longo de minha vida, buscasse um futuro profissional voltado para a área da saúde, do movimento, do corpo. Queria realizar o sonho de tornar-me uma educadora em Educação Física (EF). Aos doze anos, conheci a Ginástica Olímpica, hoje chamada de Ginástica Artística (GA); assunto que irei aprofundar adiante. Fiquei deslumbrada com todas aquelas piruetas e saltos na cama elástica. Não fui uma ginasta de alto rendimento, mas aprendi movimentos importantes. Ao longo de minhas aulas de educação física, percebi a facilidade que tinha para desenvolver atividades que exigiam coordenação, impulsão, agilidade. Quando cheguei à faculdade, passando pela disciplina de ginástica, não encontrei nenhum obstáculo, pois já havia presenciado todos aqueles movimentos. Em compensação, minhas colegas quase foram reprovadas, pois nunca tinham vivenciado quaisquer daqueles exercícios.

Eu quanto atleta, tive o privilégio de vivenciar o quanto o esporte corrobora no processo formativo educacional do ser humano, haja vista a disciplina que precisamos ter para atingirmos nossos objetivos, a organização dos horários, a sociabilização, o espírito de equipe e o destaque no desenvolvimento do equilíbrio das habilidades motoras. Enfim, participei de todas essas propostas, percebi o quanto elas me ajudaram quando me tornei técnica de Ginástica Artística (GA); pois até hoje prego essa disciplina as minhas atletas; considerando a motivação na execução das aulas, a determinação do cumprimento dos objetivos e a importância que a prática esportiva tem para uma melhor qualidade de vida.

Formação Acadêmica: Como você descreve seu percurso formativo?

Eu sou formada em Educação Física Plena pelo Centro Universitário Metodista - IPA (1986), Pós-Graduação em Ginástica Rítmica, Trampolim e Ginástica Artística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002), Mestrado em Educação pela Universidade La Salle - Canoas (2010) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014). Por ter trabalhado por muitos anos com a ginástica artística, após minha especialização eu me via somente como técnica. Não pensava me vendo desenvolvendo uma outra atividade, então após o término de 24 anos como técnica voltei a sala de aula na rede La Salle onde a Instituição me ofertou uma bolsa de 50% para que eu fizesse o Mestrado. Foi então que convidei para participar da banca o professor Dr. Augusto Nivaldo Triviños hoje já falecido, pois o olhar e o carinho que esse mestre teve comigo durante a minha especialização e no mestrado me fez enxergar a essência mais pura que significa “ser professor”.

Essa expressão que dedico “ao meu mestre com carinho, Triviños” vem à mente. Poderia ficar horas escrevendo sobre esse ser, educador, formador, com um olhar atento às dificuldades dos alunos, um mestre por excelência, obrigado por acreditar em mim, apesar de saber de minhas limitações, sempre colocou palavras sábias e de uma disposição de ensinar indescritível, obrigado por não ter desistido ainda quando apresentava muitas dificuldades na vida. Da banca de mestrado esse “homem” me incentivou a fazer o doutorado, ficou na UFRGS até a minha entrada



no programa pós-graduação, em minha entrada a família retirou o mesmo da instituição por motivos de saúde terminal, eu corri como uma maratonista, focada para ele ver minha banca, mas, no dia em que eu marquei a banca o professor “Triviños”, veio a falecer.

Então 2013, eu corria para terminar o doutorado e conseguir homenagear meu professor que sempre foi meu incentivador a entrar no programa de doutorado pelas incansáveis aulas que o professor Triviños dedicou na minha construção até a entrada no doutorado”. Pois nesta época meu estado de desgaste psicológico era grande, meu mestre que sempre esteve ao meu lado que nunca hesitou a desistir da menina Leda e sempre torceu pelo meu sucesso.

Campo esportivo: Quais são suas experiências no campo esportivo?

Antes de podermos falar sobre meu amor a carreira x esporte, temos que compreender em minha ideologia esse processo de escolha da profissão que eu escolhi e quais os fatores que levam a escolher determinada profissão. Os fatores se iniciou na a adolescência a escolher a profissão, meus motivadores vieram de família em primeiro momento, mais por parte de meu pai, as amizades contribuíram, a escola em seu contexto institucional também foi fundamental na influência desta construção. O papel da escola é capacitar os alunos por intermédio dos professores, sendo o facilitador neste processo de conhecimento para uma futura escolha, pois as disciplinas fazem o saber sobre os conhecimentos necessários para cada profissão. Eu tive todas essas vivências ao meu favor, pois o pai sempre apoiou minhas escolhas, minha mãe tinha receio por causa da limitação de saúde por causa do problema respiratório que já relatei, mas, minha persistência e todo o apoio se fizeram positivos para seguir no esporte.

Trabalhei por 4 anos no programa Institucional de bolsas de iniciação à docência (Pibid) - Educação Física e Docente do Curso de Educação Física da Universidade La Salle - Canoas/RS nas disciplinas de: Ginástica Geral, Introdução à Educação Física, Ginástica Laboral e Postural, Ensino da Educação Física - Fundamental e Médio e Estágio Profissional Curricular. Também atua como conselheira Técnica da Federação de Ginástica do Rio Grande do Sul. Atuou como Árbitra Internacional de Ginástica Artística pela Federação Internacional de Ginástica Artística (FIG) por 6 ciclos que são 24 anos, encerrando nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro - 2016. Na carreira tive muitos desafios, medos e derrotas que me fizeram me transformar em uma profissional completa, pois esses desafios me trouxeram também muitas conquistas pessoais e em equipe que levo guardado em minha memória, já faz 23 anos entre um título e outros, mas, todos eu trago em minhas recordações como se fosse nos dias de hoje.

Profissão: Quais os motivadores que levaram à sua escolha da profissão?

Meu motivador veio desde o ensino fundamental (escola), uma professora de educação física que tinha nas séries iniciais, nesta época a gente chamava de primário, ela fazia torneio de handebol, voleibol, basquetebol, atletismo e ginástica eu tive tudo isso nos anos iniciais, ela era uma professora completa e militar. E na época ela formou times de handebol, eu já fiquei apaixonada eu até achei que eu fosse ser treinadora de Handebol que eu joguei 7 anos e ela era uma referência para mim. Depois eu fui fazer ginástica artística com 12 anos, eu fui por causa de uma coleguinha minha que fazia, eu sempre digo aos meus alunos, eu não fui ginasta, é diferente ser ginasta e tu fazer ginástica, eu participei, eu queria ficar de cabeça para baixo, eu era moleca, eu fazia de tudo, tudo que eu fazia eu me dava bem. E eu tinha “nascido para o esporte”, mas, a asma me atrapalhou muito, tive muitas crises quando era criança, então eu tive que nadar desde muito cedo, mas, meus pais não tinham condições de pagar uma piscina térmica, então eu não podia entrar em uma piscina fria, tinha que esperar esquentar a temperatura em Porto Alegre para poder entrar na piscina, então tive que fazer exercícios de preparações físicas. Mesmo assim nas minhas piores crises eu fazia esporte, mesmo que eu tossisse a noite inteira, isso era uma bronca entre meus pais, meu pai sabia o amor que eu tinha e deixava eu ir já a minha mãe ficava brava e dizia que ia me bater se eu fosse. Era uma briga entre



eles e meu pai venceu, graças a deus. Eu digo que 70% da minha asma foi melhorada em função da minha insistência e amor ao esporte. Minha professora acompanhou toda essa minha trajetória escolar. E no mestrado eu fiz questão que ela estivesse na minha apresentação, eu corri toda Porto Alegre para encontrar ela, busquei as redes sociais como o Facebook e outras rede sociais para encontrá-la, eu sabia onde ela morava, mas, existiam inúmeros blocos e ninguém a conhecia pelo nome dela, até que eu consegui encontrá-la e fiz essa homenagem no dia do mestrado. Então eu posso dizer que ela foi uma referência tão grande na minha vida ao ponto de eu atuar como ela atuou, nessa rigidez, seriedade, compromisso com a educação física.

Considerações finais

A produção deste artigo produzido se deu por relatos autobiográficos, transcrevendo as experiências de vida da entrevistada por meio da oralidade. A escrita de si é um recurso importante nesse percurso, uma vez que, ao ter-se a si como objeto de uma narrativa, e ao produzir-se como objeto de reflexão, a professora opera a sua própria memória, que a todo o momento sugere um passado que segue questionando, plantando perguntas, intervindo sobre o presente. Os caminhos favoráveis e desfavoráveis que a entrevistada relatou em seu percurso de formação e os professores que nunca deixaram de incentivá-la, pois essa recordação e guardada a sete chaves em sua memória, hesitou em nenhum segundo de recordar destes personagens em sua história de vida. Ilustramos a passagem da atleta maratonista com a profissão de técnica olímpica, árbitra olímpica e hoje professora universitária, por meio do mosaico na figura 1. Essas imagens são de matérias disponíveis na web referentes aos anos 2002 até 2020. Pois os referidos anos trazem histórias da entrevistada de superação e determinação, apaixonada pelo “esporte” especificamente a modalidade maratona e a ginástica artística. Na fase de formação a professora teve períodos longos entre uma formação e outra, mas, como afirma: “nos dias atuais percebo que eram fases de aperfeiçoamento, período de maturação profissional, pois quando me deparei com o doutorado, relutei, mas, sabia que aquele era o momento de fazê-lo, tanto que terminou em três anos e meio com um objetivo”. Ela também tem noção de que “Foram tempos difíceis que tive que passar em minha vida, nesse período o desgaste intelectual e emocional ao término da minha dissertação de mestrado (2010), sendo convidada pelo meu coorientador a ingressar no doutorado da UFRGS”, “. Ainda é interessante considerar o relato pessoal que consta na dissertação de mestrado da entrevistada:

Corroborando Piaget (1980) a chamada “criatividade” (e a criatividade é a aspiração máxima dos educadores que repelem a reprodução) está sempre ligada ao nível de desenvolvimento. (“Ninguém é obrigado a fazer o que não pode”, diz o adágio popular). E se houve “criatividade”, houve espontaneidade. (Criar é uma combinação livre dos esquemas de ação motores, verbais e mentais) (NASCIMENTO, 2010, p. 44).

Nossa entrevistada em nenhum momento esqueceu os melhores pontos que a levaram ser essa “mulher” iluminada e profissional na arte de ensinar, pois entende que o esporte é sua maior paixão e se não devolver todo o ensinamento que obteve durante esses 58 anos de vida, não completará seu ciclo acadêmico como cidadão. A redefinição de carreira trouxe novos desafios, ao refletir sobre as próprias memórias da escolarização permitem a emergência de um lugar e de uma prática privilegiada no processo de formação docente. Nesse sentido, o que está em “nosso espírito” seria reforçado pelos testemunhos dos outros, pelas imagens reconstituídas por meio desses testemunhos. Meu interesse em demonstrar o perfil profissional e a referência que a entrevistada é no mercado da Educação Física. Essas imagens, que nos são impostas pelo meio ao qual pertencemos, destacou Halbwachs (2004, p. 32), têm a capacidade de transformar as impressões que guardamos de fatos do passado ou, mesmo, de pessoas que conhecemos, reproduzindo exatamente o que estava preservado em nossa memória ou nos apresentando lembranças as quais já se estavam perdidas. Esse é um dos motivos que nossa profissão “educador físico” cresceu nos últimos 40 anos, por causa de profissional igual a professora Dra. Leda, carreira de excelência que demonstra em sua trajetória profissional.

Figura 1 – Fotos da carreira como atleta, técnica, árbitra e professora docente.



Fonte: Google reportagens encontradas na rede.

Referências

- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- JOSSO, M. C. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António e FINGER, Matthias (orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. Portugal/Lisboa: Pentaedro, Tradução: Maria Nóvoa, Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988, p. 35-50 (Cadernos de Formação).
- LIMA, L. de O. **Por que Piaget? A educação pela inteligência**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.
- MEIHY, J. C. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- NASCIMENTO, L. S. F. **Ginástica artística: equilíbrio corporal no desenvolvimento das habilidades motoras na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental**. 2010. 103 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Centro Universitário La Salle, Canoas, 2010.
- PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

